

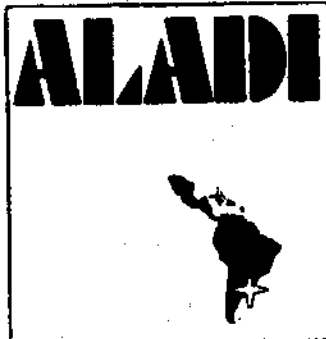
SUMÁRIO

ALADI/CR/Ata 82
(Extraordinária)
Sumário
10 de maio de 1984
(11 de maio de 1984)

RESERVADO

O Comitê de Representantes recebe a
visita do Doutor Enrique Iglesias,
Secretário-Executivo da CEPAL.

Comité de Representantes



Asociación Latinoamericana de Integración
Associação Latino-Americana de Integração

179

APROVADA
a. Sessão
NA 84

ALADI/CR/Ata 82
(Extraordinária)
10 de maio de 1984
Hora: 12h 05m às 13h

ORDEM DO DIA

O Comitê de Representantes recebe a visita do Doutor Enrique Iglesias, Secretário-Executivo da CEPAL.

Preside:

ANTONIO FELIX LOPEZ ACOSTA

Assistem: Leopoldo H. Tettamanti, Emilio Ramón Pardo, Juan José Martínez, Haydée Osuna e María Cristina Bolderini (Argentina); Isaac Maidana Quisbert (Bolívia); Alfredo Teixeira Valladão, Luiz Cláudio Pereira Cardoso, Flávio Roberto Bonzanini, Mauro Luiz Iecker Vieira e Marina do Rego Freitas Toledo (Brasil); Santiago Salazar Santos e Jaime Paris Quevedo (Colômbia); Juan Pablo González González e Hernán Brantes Glavić (Chile); Hernán Cueva Eguiguren e José Alberto Peñaherrera Echeverría (Equador); Arturo González Sánchez, Antonio León Zárate, Dora Rodríguez Romero e José Pedro Pereyra Hernández (México); Antonio Félix López Acosta, Amado Martínez Rojas e Emilio Lorenzo Giménez Franco (Paraguai); Raúl Pinto Alvarez e Eduardo Gómez Sánchez (Peru); Héctor Carlevaro Torres, Enrique Loedel Soza e Ricardo Nario (Uruguai); Jenny Clauwaert González (Venezuela); Félix Guillermo Fernández-Shaw (Espanha); Carlos Villanueva (Honduras); Afonso Henriquez de Azeredo Malheiro (Portugal); Oscar A. Ayala e Edwin Lutz (BID); José María Puppo (CEPAL); Alfredo Vázquez (OEA).

Secretário-Geral: JUAN JOSÉ REAL.

Secretaria: CARLOS ONS.

//

PRESIDENTE. Damos início a esta sessão extraordinária.

É uma grata honra para o Comitê de Representantes receber no dia de hoje o Secretário-Executivo da CEPAL, Doutor Enrique Iglesias.

Apresentar o Senhor Iglesias é um trabalho simples, pois se alguém necessita de pouca apresentação no âmbito dos organismos de integração latino-americanos e entre os homens que lutam por uma América Latina unida e forte, é precisamente o Senhor Secretário-Executivo da CEPAL.

Considero também demais conhecida a estreita colaboração existente entre a CEPAL e a ALADI, que fizeram muitos esforços conjuntos, cimentados em ideais comuns de cooperação e integração nesta nossa pátria comum.

Não posso deixar de manifestar nesta oportunidade o especial momento político que vive nossa Associação, originado nas transcendentais resoluções que acaba de aprovar a Segunda Reunião do Conselho de Ministros da ALADI, que outorgam força jurídica aos fortes compromissos políticos adotados pelo Plano de Ação de Quito no tocante ao âmbito de especialização de nossa Instituição.

Neste sentido, Senhor Secretário-Executivo, daremos muito valor ao apoio técnico que a Instituição que V. Sa. representa nos possa fornecer para a melhor implementação dos referidos mandatos.

Nessa linha de pensamento quero destacar a transcendência que adquire, não apenas para nossos países-membros, senão para toda a região, a aprovação do acordo regional que estabelece a preferência tarifária regional que, embora limitada em seu início, confiamos em poder aprofundá-la em futuras etapas.

Este é apenas um exemplo do amplo campo de recíproca colaboração que se abre entre nossas Instituições, que se verá incrementada com sua cooperação e comunhão integracionista.

Não desejaria finalizar minhas palavras sem expressar-lhe nossa satisfação por seus esforços em ampliar e dinamizar o Escritório da CEPAL em Montevidéu, o qual estamos certos, contribuirá muitíssimo para a obtenção de nossos comuns objetivos.

Doutor Iglesias, reitero-lhe que está em sua casa.

Cedo-lhe a palavra.

SECRETÁRIO-EXECUTIVO DA CEPAL (Enrique Iglesias). Muito obrigado, Senhor Presidente, por suas palavras e especialmente por suas últimas palavras. Sempre é muito grato para um Secretário-Executivo da CEPAL vir à ALADI que, por muitos motivos, é nossa própria casa.

Agradeço também a oportunidade de permitir-me trazer estes cumprimentos pessoais da CEPAL a todos os Senhores Embaixadores e aproveitar também a oportunidade de, sendo esta minha primeira visita desde que assumiu meu querido amigo e com patriota, Embaixador Real, expressar-lhe o apoio, a simpatia pessoal e institu-

//

//

cional de vê-lo neste importante cargo e saber de seu dinamismo e de sua convicção nos ideais da ALADI, que são também os ideais da CEPAL, que augura a esta Instituição um caminho próspero e dinâmico.

Não farei um discurso porque creio que a exposição de diagnósticos está esgotando-se na América Latina e no mundo e creio que de alguma maneira já todos sabemos o que hoje está acontecendo e o que significa esse acontecimento para uma revisão de nossas próprias responsabilidades nacionais e, certamente também, de nossa própria ação internacional.

Parece que sempre que examinamos as realidades é quase um lugar-comum dizer que estamos em crise e creio que desta vez acertamos com o vocábulo. Realmente, neste momento, especialmente a nível internacional, e aqueles que temos a oportunidade de poder olhar o mundo de diferentes ângulos e o prisma sob diferentes arestas, creio que sentimos que realmente há uma autêntica crise, que é algo mais do que uma anedota cíclica, que é um fenômeno importante e de transformações em todos os aspectos, que levarão o mundo a outro ponto de destino, que não tem que ser pior do que o ponto de partida, mas que certamente será bastante diferente, e onde basicamente percebemos este perigoso estreitamento dos horizontes de previsão existentes hoje no mundo, marcado pelo signo de incertidão crescente e por este choque de diagnósticos entre aqueles que dizem que tudo vai bem e aqueles que dizem que tudo vai mal.

Basta olhar um pouco esta ambivalência da coisa internacional para descobrir que continuamos nessa incertidão e que talvez devamos continuar por muito tempo dentro deste panorama incerto, onde diminuem os horizontes de previsão e onde, afortunadamente, a capacidade de resistência também aumentou. Se nos tivessem dito há anos que o mundo enfrentaria esta conjuntura, certamente teríamos dito que não era possível. Digo que junto com aumentar os problemas, afortunadamente também se aumentou a capacidade de administrá-los ou de resistir. E diria que, modestamente, aqueles que trabalham nestes organismos devemos reconhecer que de alguma maneira esta maquinaria internacional está servindo para algo: pelo menos para evitar que as coisas piores.

Junto com isso, percebemos também que o mundo nos está propondo não apenas um mundo incerto quanto à administração da crise atual, senão também incerto com referência ao destino, inclusive do mundo capitalista e socialista, em sua maneira. Ou seja, devemos reconhecer que está havendo mudanças de tal envergadura que seria, a meu critério, grave erro permanecer à margem, pelo menos, de conhecer e reconhecer o que se está produzindo, especialmente nos campos tecnológicos, que criarão um mundo completamente diferente para o qual, evidentemente, as condições de luta da América Latina terão que ser muito mais duras e muito mais difíceis.

Nesse contexto, experimento também um pouco um testemunho muito pessoal de certa ansiedade teórica; não temos esquemas teóricos para administrar muitos destes problemas; e isso explica também as hesitações e as dúvidas das políticas e os erros dos conselhos técnicos que muitas vezes aparecem. Mas, não nos façamos uma excessiva acusação porque este mesmo problema começa por estar no Norte, onde tampouco vemos claramente para onde vai esta comunidade internacional e quais são os horizontes que temos por diante. O que sim sabemos é que serão horizontes certamente mais difíceis e, portanto, exigirão muito mais de nós.

//

//

A tudo isso se acrescenta algo que, vindo dos foros das Nações Unidas, temos que receber como realidade perigosa; ou seja, esta espécie de deterioração crescente que observamos nos mecanismos de cooperação internacional e em algo que pacientemente construímos nos últimos quarenta anos, que é o conceito de solidariedade. Creio que há uma erosão muito grande no conceito de solidariedade e uma espécie de crueza nas relações internacionais, que nos obrigam a atuar com enorme realismo e com o que é a tirania, muitas vezes, de circunstâncias que foram mudando. Isto que achamos que era um edifício de cooperação e de solidariedade está desmoronando-se violentamente, com conseqüências difíceis de prever.

Todo este clima é projetado sobre nós, sobre o regional, em uma crise -já é também um lugar-comum- dizer que é a mais violenta da grande depressão, e assim é, a crise mais difícil; e uma coisa que devemos dizer aqui entre nós, entre latino-americanos é também: uma crise muito própria da América Latina. Não é certo que o mundo tenha uma crise desta proporção, tal como nos é apresentada hoje; há na crise atual traços muito peculiares da América Latina que a fazem de uma profundidade inédita para a região e em termos comparativos, sem desconhecer as desgraças e os problemas de outras partes, sumamente aguda. Creio que sobre tudo isto estivemos trabalhando ultimamente na CEPAL, tratando de extrair lições e descobrir oportunidades, porque se trata de ambas as coisas.

Talvez uma das lições mais importantes que nos deixou a região nos últimos dez ou vinte anos são: primeiro, os perigos da dependência ou da excessiva dependência dos de fora, em uma palavra, do extra-regional, em um sentido geral. Ou seja, nossa crise é uma crise de pagamentos, uma crise de dívida, basicamente; mas também é uma crise de diagnósticos e de aproximações que de alguma maneira privilegiaram, de alguma forma talvez demasiado otimista, os riscos, as possibilidades da cooperação exterior ou de tudo que vem de fora.

Creio que uma das coisas que evidenciou a evolução econômica da América Latina dos últimos anos é que essa dependência externa, que pensávamos em parte superada pela abundância financeira, não é assim; que hoje estamos dependendo mais do que nunca da forma como administrar a dívida externa, da forma como vêm ou não vêm os capitais a nossas terras, da forma como se comportam os preços erráticos das matérias-primas ou da forma como evolui este instrumento tremendo em que se converteu a taxa de juros, que se põe de certo modo na condição de ser o fiel da balança do otimismo, do pessimismo com que podemos olhar não apenas a região, se não o mundo. Ou seja, de alguma maneira a presença de nossa dependência e nossa vinculação com tudo o que ocorre fora tornou-se muito mais grave, e muito mais acentuada como jamais esteve nos últimos trinta anos.

Tudo isto nos obriga a olhar, então, esse fator externo junto com o que significam as lições para o interno. Eu diria que no interno, o que é importante -a é um progresso, a meu critério, da maturidade da América Latina- é este reconhecimento pacífico que temos hoje de que muitas das gestações da crise foram também por políticas internas desacertadas, ou políticas que não estiveram presentes quando deviam haver estado e creio que de alguma maneira a crise dos modelos de desenvolvimento econômico na América Latina, que é universal, que abrange to

//

//

dos os enfoques, heterodoxos e ortodoxos, países grandes e pequenos, produtores de petróleo, não produtores de petróleo, deve fazer-nos refletir que de alguma maneira em tudo isto houve fatores internos que não poderíamos ignorar. E creio que seria, a meu critério, uma má terapêutica, se não partíssemos da base de que isto nos obriga certamente a refletir seriamente sobre muitas das coisas feitas e sobre a necessidade de olhar para frente com critérios frescos, especialmente em matéria de estratégia e desenvolvimento.

Neste contexto, o futuro, tal como o vemos, apresenta-se primeiro como um futuro de uma enorme austeridade, no aspecto interno e no externo. Estamos certamente condenados a um período, que oxalá seja breve, de uma austeridade generalizada. Isto é certo em matéria, em primeiro lugar, de recursos externos; ninguém poderia prever hoje, por exemplo, que a abundância financeira dos anos 70 se reproduzisse; no melhor dos casos, dará para administrarmos os processos; poderão vir alguns capitais frescos, mas não podemos apostar em uma etapa de abundância financeira como a que tivemos nos anos 70; e isso marca uma diferença muito importante.

O outro elemento é que também não podemos apostar em um ritmo de crescimento do comércio mundial como o que prevaleceu nos últimos anos das décadas de 60 e de 70. Um elemento que muitas vezes esquecemos - e isso certamente no foro dos Senhores, que é um foro de comércio, em boa medida, e também de cooperação - é que de algum modo o mundo cresça nos primeiros quarenta anos do século a um por cento em seu comércio mundial, que somente nos últimos vinte anos o crescimento passa a oito por cento e que essa experiência, certamente impressionante na história econômica do mundo, é muito difícil que se reproduza nessas percentagens para o futuro. Ou seja, quaisquer que forem as hipóteses, inclusive as mais otimistas, deveríamos preparar-nos para um volume de crescimento do comércio que não será o volume espetacular do mundo nos últimos vinte anos. E se não for assim, as condições externas certamente não serão as mesmas como aquelas que contaram, por exemplo, os países que no Sudeste Asiático chegaram primeiro ou algumas das possibilidades que nós mesmos aproveitamos na década de 70. Será um mundo mais competitivo, mais difícil de penetrar e que, portanto, nos exigirá maior sofisticação em todas nossas políticas, internas e internacionais.

E por último - e este é outro elemento que também nos propõe esse mundo do futuro - esta mudança violenta nas vantagens comparativas. Partimos da base de que as vantagens comparativas se constroem e podem ser sustentadas. Meu temor é de que entremos em um período onde as vantagens comparativas estarão submetidas a grandes tensões. A biogenética, a capacidade da automatização, a introdução dos fatores de robotização muito mudarão as hipóteses, muitas das quais a CEPAL levou em consideração nos anos 50 e que foram elementos dos quais partimos na construção de nossas teorias e de nossas idéias; tudo isso está mudando violentamente e devemos ir até o fundo. Vemos o que está acontecendo com algumas matérias-primas; por exemplo, constatamos que existem mudanças estruturais que modificarão um pouco as bases com as quais manejamos muitas de nossas vantagens comparativas. Então, com este contexto internacional é que devemos olhar um pouco a outra face da crise, ou seja, as oportunidades.

//

sp

//

Creio, -e isto foi dito agora a nossos Governos na Conferência de Lima- que esta é uma ocasião muito importante para revisar -como fiziam há um instante- as estratégias de desenvolvimento, não para pensar em autarquias anacrônicas, que ninguém poderia sustentar no mundo moderno. Não há possibilidades para ninguém no difícil mundo de hoje, mas sim para olhar muito mais intensamente para o esforço interno e para as possibilidades que oferecem os mercados internos e regionais, à luz de duas coisas que serão dois dos grandes imperativos de qualquer estratégia revisada de desenvolvimento: maior eficiência econômica e maior eficiência social. Não podemos viver afastados, no mundo de hoje, procurando ansiosamente maior eficiência de toda nossa ação, pública e privada, da empresa privada, mas também do Estado latino-americano. E devemos reconhecer que atrás de nossa história temos grande abundância de coexistência inaceitável no mundo moderno com demasiada ineficiência, um imperativo das realidades objetivas que de vemos viver e à qual nenhum mundo está escapando. As coisas que observamos, por exemplo, agora na Europa -na França, na Inglaterra, na Espanha- de enormes traumas da modernização em procura de certa eficiência, também são válidas para nós e creio que nenhum país escapa a essa realidade.

Mas, junto com isso, o outro lado da medalha, que é a eficiência social, de alguma maneira para nós é um imperativo, porque aos problemas sociais que sempre tivemos se acrescenta agora uma crise que obviamente atingiu os setores sociais, o salário real ou o emprego. Quer dizer que de alguma maneira imaginar novas estratégias que tenham esses dois pontos como pontos centrais, parece ser um dos primeiros desafios que nos propõe este mundo do que virá.

O outro aspecto é o desafio internacional; e aí cairia em duas reflexões muito breves. Primeiro, a absoluta necessidade de valorizar e revalorizar a diplomacia internacional da América Latina, que começa por uma revalorização da diplomacia internacional econômica dentro de nossos próprios países. A América Latina deverá viver um período de luta em todos os foros, que será muito mais aguda; e de alguma maneira essa diplomacia internacional estará incumbida como nunca de uma maior atividade e dentro dessa diplomacia internacional valorizar a ação conjunta em um mundo de poderes tão desiguais e de oportunidades tão esquivas. O fato de atuar em conjunto, quaisquer que sejam as prioridades que legitimamente cada país tiver, cresce; portanto, primeiro pensemos na diplomacia internacional; deve ser revalorizada violentamente em todos os foros, nos das Nações Unidas e nos que não são Nações Unidas; e, em segundo lugar, valorizar o regional, sem cair, certamente, nos excessos -que muitas vezes tivemos- de expectativas que nos levaram a frustrações, mas tampouco nos derrotamos negativos que dizem que nada aconteceu, que não pode acontecer, porque não é assim. E eu creio que estamos em um momento onde revalorizar o regional me parece de enorme importância, entre outras coisas, por esta falta de transparência das relações internacionais econômicas, por esta autoridade geral que nos propõe o mundo nos próximos anos e pelo fato tão evidente dos recursos ociosos que temos por diante. Sei que isto não é fácil, e os Senhores que negociam todos os dias sabem melhor do que eu; uma coisa é assinalar os objetivos e outra coisa é descer ao terreno das negociações. Mas, o objetivo está aí e de alguma maneira a necessidade de incentivar nossa capacidade imaginativa para olhar um pouco como podemos aproveitar este mercado. Tudo isso tem, de algum modo, algum valor e creio que, sem prejuízo de destacar

//

//

a importância do resto do mundo, que continuará sendo dominante em nosso panorama de opções econômicas, o regional deveria ser valorizado de alguma maneira.

Por isso, acredito que esta Organização -digo com toda sinceridade e não somente por lealdade a um passado que nos une como irmãos desde a origem da ALALC e depois a ALADI. Não é uma lealdade romântica simplesmente uma coisa na qual acredito firmemente- tem um papel muito importante nestas circunstâncias, um papel que está incentivado certamente pela nova estrutura da ALADI, que lhe dá oportunidades muito grandes para visões pragmáticas e modernas de aproximação do tema da integração, pela experiência acumulada, que não deixa de ser um capital muito importante em todos os planos da vida e especialmente nos institucionais, e os erros e os acertos que certamente existirão, por parte de um e de outro. Mas penso que, de alguma maneira, a ALADI tem neste momento um peso -e digo sinceramente- de enorme importância, como tem o SELA e como têm a Junta do Acordo de Cartagena e outros esquemas de integração. Mas, penso que aqui há um capital acumulado que se sabemos mobilizar pragmática, inteligentemente, com um mínimo de vontade política e com o máximo de idéias sensatas, poderia permitir-nos cumprir pelo menos um fator de moderação dos impactos da conjuntura internacional e aproveitamento das oportunidades que aí se apresentam.

Eu festejo, Senhor Presidente, o fato de que Vossa Excelência tenha mencionado a preferência regional. Trabalhamos, como os Senhores sabem, junto também com a ALADI e com o SELA, em Quito. Creio que Quito foi uma coisa muito importante. Esta iniciativa do Presidente Hurtado, acredito que foi uma iniciativa histórica; e isso por muitos motivos, mas entre outros porque por primeira vez a região se senta coletivamente diante de uma crise, atua com uma enorme responsabilidade em suas reações, fala de temas escabrosos, que não se falavam até o momento, como falar coletivamente do tema da dívida e abre o campo para um diálogo que hoje é um ponto pacífico: falamos de dívida na CEPAL, falamos de dívida na OEA, falamos de dívida no Banco Interamericano, não visando criar coisas ou mecanismos de cooperação ou de sindicatos que ninguém quer, mas sim aproximações conjuntas daquelas coisas que, como diz o documento de Quito, são critérios conjuntos. Isso foi um primeiro ativo importante.

O outro ativo é termos tomado a cooperação regional como ponto de apoio muito importante para as ações futuras e, sobretudo, ter tratado -que talvez seja a primeira obrigação que hoje temos- de não perder posição naquilo que fizemos no passado. E é evidente que a crise internacional, entre seus múltiplos efeitos destrutivos de capital instalado a nível nacional, também está atacando, e violentamente, o capital instalado a nível regional de forma cruel, muitas vezes inevitável. Quer dizer, creio que a forma como a crise mundial nos obriga a correr o construído é uma realidade cruel que temos pela frente.

Creio que o primeiro objetivo que marcou Quito em sua mensagem foi defender o realizado; e nesse sentido parece-me que de alguma maneira essa é uma responsabilidade importante para olhar para a frente. Muito me apraz ver que esse tema esteve presente na Reunião dos Senhores Chanceleres ou Representantes, bem como o de colocar em andamento alguma das coisas que saíram em Quito começando há duas semanas aqui em Montevideu, o que, reitero, muito me apraz e certamente me agrada, institucionalmente, de que isso esteja acontecendo.

//

//

De maneira que eu diria, Senhor Presidente, que minha presença aqui é simplesmente para ratificar aos Senhores que acredito na ALADI; acredito no que se pode fazer aqui; creio, com uma consciência responsável - não porque pense que sejam fáceis os problemas nem muito menos - que aqui há um núcleo importante para fazer coisas; que a América Latina deu um passo importante nos últimos tempos nessa direção. E por último, Senhor Presidente, ratificar que a CEPAL com o pouco ou muito que possui está à disposição desta Instituição. Colocaremos todos os reforços diretos necessários aqui, mas, sobretudo, usaremos os que temos lá em Santiago, por que parece-nos que, no fundo, estamos lutando pela mesma coisa e, portanto, esta forma de olhar os problemas da cooperação não é mais do que enfrentar coletivamente como uma responsabilidade. Os mandatos dos Senhores são, de alguma forma ou de outra, os nossos mandatos e, portanto, eu assegurei ao Embaixador Real que a CEPAL, como sempre, fará todo o possível mas, desta vez, mas do que o possível para poder ajudá-los e trabalhar juntos por esta América Latina que queremos que seja muito melhor do que a atual.

Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Mais eloquente do que os aplausos, Doutor Enrique Iglesias, por sua intervenção, creio que seria entrar em detalhes desnecessários.

Estamos conscientes de que com esta intervenção sua sairíamos ganhando na ALADI e especialmente no Comitê.

Estamos muito agradecidos não somente por sua visita mas por esta ratificação de vontade para com a integração da América Latina que sempre o acompanhou em todas suas gestões. É para nós uma alta honra tê-lo aqui, compartilhar de suas experiências, de suas apreciações, e o teremos muito presente para aquilo que de hoje em diante iniciaremos após a reunião do Conselho de Ministros.

Não sei se o Senhor Secretário-Geral desejaria dizer algumas palavras.

SECRETÁRIO-GERAL. Senhor Presidente, na realidade, não desejaria empalidecer ou turvar a mensagem, a sensação que deixa Enrique nesta Sala e nesta casa. Portanto, por parte da Secretaria desejaria expressar-lhe nossa prova de apreço e de afeto por contá-lo aqui entre nós. Muito obrigado.

PRESIDENTE. Não havendo outras intervenções, encerra-se a sessão.